

# Os nomes de lugar presentes no relato de viagem dos irmãos Nunes: marcas toponímicas do sertão

Marcus Vinícius Pereira das Dores<sup>32</sup>

*Ao chegarem às costas brasileiras, [...] os portugueses eram o novo Adão. A cada lugar conferiram um nome — atividade propriamente adâmica — e a sucessão de nomes era também a crônica de uma gênese que se confundia com a mesma viagem. A cada lugar, o nome do santo do dia: Todos os Santos, São Sebastião, Monte Pascoal. Antes de se batizarem os gentios, batizou-se a terra encontrada. De certa maneira, dessa forma, o Brasil foi simbolicamente criado. Assim, apenas nomeando-o, se tomou posse dele, como se fora virgem. (Cunha, 2012, p. 8).*

*O topônimo não é algo estranho ou alheio ao contexto histórico-político da comunidade. Sua carga significativa guarda estreita ligação com o solo, o clima, a vegetação abundante ou pobre e as próprias feições culturais de uma região em suas diversas manifestações de vida. (Dick, 1990, p. 47).*

## Introdução

O presente trabalho possui duplo objetivo: i) apresentar a fonte documental *Noticias das minas da America chamadas Geraes pertencentes à el rei de Portugal, relatada pelos três irmãos chamados Nunes os quais rodarão muytos annos por estas partes* (as edições fac-

---

<sup>32</sup> Doutorando em Filologia e Língua Portuguesa, USP. Bolsista CAPES.

similar e diplomática de dois fólhos) e ii) fazer um levantamento simples dos topônimos presentes no referido manuscrito.

As Notícias dos irmãos Nunes correspondem a uma produção manuscrita que tem por fim o relato do trajeto feito pelos irmãos em uma viagem da Bahia até Minas Gerais. Esse manuscrito é, portanto, uma carta mapa em que os irmãos Nunes deixam registradas informações geográficas e sociais dos locais por onde passaram durante uma longa e árdua viagem.

Segundo Safier e Furtado (2006, p. 270), o documento produzido pelos irmãos Nunes e outros documentos serviram de fontes para D'Anville criar a *Carta de 1748: a capitania das Minas Gerais*:

Este roteiro foi escrito a partir da experiência de viagem de três irmãos, Diogo, João e Sebastião Nunes, auto-intitulados “os irmãos Nunes”, os quais se transformavam nas mãos do cartógrafo francês nos verdadeiros oráculos da geografia local, enquanto espaço vivido e trilhado por alguém, no caso os irmãos Nunes [...] A análise desse roteiro de viagem escrito sobre a região que se desenrola entre o porto da Bahia e a região das recém-descobertas minas de ouro no interior do Brasil, ilustra a maneira como o conceito geográfico era construído, numa perspectiva não só política, mas também sociocultural, perspectivas estas que elegem as ausências e as presenças no mapa.

Trata-se, portanto, de uma fonte documental que assume tanto um valor material, quanto imaterial. Valor material pela sua

composição física: manuscrito escrito em papel de trapo, no início do século XVIII (1709), pela mão de um dos irmãos Nunes. Já o valor imaterial corresponde aos registros socio-históricos e linguísticos que são materializados no texto escrito. Em outras palavras, o manuscrito em questão traz nas linhas, entre linhas e margens dados de um grupo social de um período específico e, também, serve de testemunho de um estágio pretérito da língua.

Sobre o registro linguístico das *Noticias das minas da America chamadas Geraes pertencentes à el rei de Portugal, relatada pelos três irmãos chamados Nunes os quais rodarão muytos annos por estas partes*, neste trabalho, focaremos, exclusivamente, o nível lexical, visto que é de nosso interesse levantar os nomes de lugar, ou seja, os topônimos, encontrados nos dois primeiros fólios do manuscrito. Em decorrência dos nossos objetivos e para não elaborarmos um extenso trabalho, optamos por apresentar as edições e os dados toponímicos de apenas dois fólios.

Mesmo trabalhando com um recorte pequeno do manuscrito, já conseguimos ilustrar com dados relevantes os itens lexicais utilizados para nomear alguns espaços geográficos por onde passaram os irmãos Nunes. Contudo, é claro que os dados apresentados correspondem a uma parcela muito pequena da realidade. Mas, quem trabalha com Linguística Histórica e com suas interfaces, já está acostumado, como aponta Labov (1982, p. 20), “a arte de fazer o melhor uso dos maus dados”. Isso, porque “os fragmentos da

documentação escrita que permanecem são os resultados de acidentes históricos para além do controle do investigador” (Labov, 1982, p. 20).

Nosso primeiro contato com essa documentação foi por meio da professora Júnia Furtado<sup>33</sup>, titular de História Moderna do Departamento de História da UFMG, em 2017, na 1ª Semana Nacional de Arquivos, no Arquivo Público Mineiro (APM). Já nessa época, nos interessamos pela documentação, mas, desde então, só tivemos a oportunidade de escrever algo sobre ela agora.

A fim de alcançar os nossos objetivos, este trabalho foi organizado da seguinte maneira: além desta introdução e das considerações finais, há uma seção onde apresentamos algumas questões teóricas em relação aos estudos de nomes de lugar; há uma seção em que apresentamos as normas de edição do manuscrito e as edições (fac-similar e diplomática); e, por fim, há uma seção na qual destacamos os topônimos encontrados. A seguir, portanto, seguem algumas discussões teóricas sobre os estudos de nomes de lugar.

## **O estudo de nomes de lugar**

Dentro dos Estudos Linguísticos, as Ciências do Léxico são as áreas responsáveis pela descrição e estudo dos nomes. Nesse sentido,

---

<sup>33</sup> Agradecemos à Professora Júnia Furtado por ter nos cedido algumas imagens do manuscrito que aqui apresentamos e por ter nos dado a autorização para utilizá-lo neste trabalho.

as Ciências do Léxico, inicialmente, se dividem em três campos: a Lexicologia – responsável pelo estudo do léxico em geral da língua –, a Lexicografia – responsável pelo estudo e/ou confecção de materiais lexicográficos como dicionários, glossários e vocabulários – e a Terminologia – que se debruça sobre os léxicos de esferas sociais específicas.

Sobre o ato nomeativo (a palavra e o seu referente), ou a atividade adâmica (fazendo referência à epígrafe deste trabalho), Nyström (2016, p. 40, tradução nossa<sup>34</sup>) destaca que

[...] nomes têm significado, ao menos algum tipo de significado. [...] Nomes e palavras (com significado lexical) interagem e influenciam uns aos outros em vários níveis em situações diferentes. Mesmo que nomes não tenham um significado lexical ou etimologicamente objetivo, eles normalmente têm outros tipos de significados, significados pressuposicionais. Nomes não são só um rótulo prático, mas na verdade trazem consigo significado em muitos sentidos.

É, justamente, por existirem diferentes tipos de nomes, com diferentes funções que, a título de estudo, vamos criando diferentes teorias e interfaces.

---

<sup>34</sup> No original (em inglês): “[...] names do have meaning, at least some kind of meaning. [...] Names and words (with lexical meaning) interact and influence each other to a vaying degree in different situations. And even if names do not have an asserted lexical or etymological meaning, they normally have other kinds of meanings, prosuppositional meanings. Names are not only practical label, instead they are packed with meaning in many senses”.

Há, por exemplo, dentro da Lexicologia a Onomástica que estuda a origem e a formação dos nomes próprios. Pensando nas diferentes nomeações, é possível dividir a Onomástica em duas áreas: a Antroponímia e a Toponímia. A Antroponímia estuda os nomes próprios individuais, sobrenomes, apelidos, nomes de família etc. Já a Toponímia estuda os nomes próprios de lugar. Sobre esses dois campos, Dick (1990, p. 100) afirma que: “sem dúvida, a cultura do grupo é determinante na condução desse saber-fazer denominativo, responsável pelas novas séries de designação que formam a cadeia lexical, nas perspectivas de uma antropologia linguística que é também semiológica”.

Por isso, vemos a toponímia como um patrimônio histórico, formado aos poucos e cujos nomes vão aparecendo por meio de processos naturais e submetido, em alguma medida, a intervenções, e que geralmente permanecem sem grandes alterações ao longo do tempo (a não ser por algumas deturpações). Ainda sobre essa questão, Dick (1990, p. 22) ressalta que os topônimos são

[...] verdadeiros “testemunhos históricos” de fato e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população, encerram, em si, um valor que transcende ao próprio ato da nomeação: se a Toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal. Chega, muitas vezes, a se espalhar além de seu foco originário, dilatando, conseqüentemente, as

fronteiras políticas, e criando raízes em sítios distantes. Torna-se, pois, a reminiscência de um passado talvez esquecido, não fora a sua presença dinâmica.

De forma complementar, Sánchez Rei (2018, p. 136, tradução nossa<sup>35</sup>) destaca que

[a] afirmação de que o estudo da toponímia abre portas às disciplinas e aos conhecimentos de diferentes áreas das ciências humanas constitui uma frase certa e repetida. Com efeito, dado que a toponímia frequentemente apresenta um grau notável de conservadorismo semântico denotativo, o significado de muitos nomes de lugares nos dá informações preciosas sobre realidades culturais, econômicas, históricas ou paisagísticas de outros tempos.

Ainda sobre o objeto de estudo da Onomástica e a divisão dessa área, Leite de Vasconcellos (1928, p. 02) já afirmara que

Temos como se vê, muitas espécies de “nomes próprios”. A secção da Glotologia que trata d’eles (origem, razão de emprego, forma, evolução, etc.), convieram os filólogos em a designar por “Onomatologia”, que, de acordo com aquelas espécies, deverá decompor-se em três disciplinas secundárias: 1) Estudo de nomes locais, ou “Toponímia”, na qual se inclui igualmente o

---

<sup>35</sup> No original (em galego): “A afirmación de o estudo da toponimia abrir a porta a disciplinas e saberes de diferentes ámbitos das humanidades constitúe de seu unha sentenza tan certa como reiterada. Con efecto, dado que as toponimias costumam presentar un notábel grao de conservadorismo semántico denotativo, o significado de moitos nomes de lugar ofrécenos preciosas informacións á volta de realidades culturais, económicas, históricas ou paisaxísticas doutros tempos”.

elemento líquido (rios, lagos, etc.), e outros produtos da natureza, como árvores, penedos que dão frequentemente nomes a sítios (a “Toponímia” é pois Onomatologia geográfica). 2) Estudo dos nomes de pessoas, ou “Antroponímia”, expressão que o autor pela primeira vez propôs e empregou em 1887, na “Revista Lusitana”, I, 45. 3) Estudo de vários outros nomes próprios, isto é, de astros, ventos, animais, seres sobrenaturais, navios, cousas: “Panteonímia” (de pantóios, que quer dizer “de toda a espécie”, “variado”). No estudo dos nomes de seres sobrenaturais nada nos impede de chamar “Teonímia” (Theonymia) ao dos nomes de deuses.

Como abordamos os nomes dos lugares por onde os Irmãos Nunes passaram, este trabalho, tangencia o domínio teórico da Toponímia (ou Toponomástica – termo mais recente). Sobre a Toponímia, Encarnação (2010, p. 75) afirma que ela começou

[...] por ser obra da população, sem outras razões para a atribuição de um nome a determinado lugar a não ser o quotidiano: por ali se ia ao moinho – era o Caminho do Moinho; por ali se ia à igreja e era a Rua da Igreja; ali morava senhor importante – e de seu nome se fazia nome de vereda, avenida ou beco... Imperava a tradição, toda a gente se conhecia, os aglomerados populacionais não careciam de complexa estruturação.

Como será possível observar mais adiante, os topônimos aqui apresentados (na seção Apresentação dos topônimos) vão ao encontro do que afirma Encarnação (2010).

## Edição do manuscrito

A fim de podermos coletar os topônimos presentes nos primeiros fólhos do manuscrito *Noticias das minas da America chamadas Geraes pertencentes à el rei de Portugal, relatada pelos três irmãos chamados Nunes os quais rodarão muytos annos por estas partes*, realizamos uma edição conservadora do texto. A opção pela edição conservadora se justifica pelo fato de querermos preservar, ao máximo, as características do documento. Além disso, a edição conservadora pode ser o primeiro passo para, depois, se fazer uma edição mais livre (modernizadora/atualizadora). Certo é que, como aponta Cambraia (2005), toda edição de um texto manuscrito corresponde à interpretação de um editor. Por isso, ao editar um texto, é muito importante propor normas e segui-las à risca. Só assim o material editado poderá ser considerado uma fonte fidedigna para pesquisa de diferentes áreas.

Para realizar a edição que aqui apresentamos, recorreremos às normas propostas por Cambraia e colegas (2001), com algumas adaptações nossas. A seguir, apresentamos as normas utilizadas e, em seguida, as edições (fac-similar e conservadora) das *Noticias das minas da America chamadas Geraes pertencentes à el rei de Portugal, relatada pelos três irmãos chamados Nunes os quais rodarão muytos annos por estas partes*.

## Normas adotadas

a) A transcrição procurará ser o mais fiel possível ao original. Será respeitada, assim, o máximo possível, a distribuição geoespacial do texto na mancha;

b) Não serão desdobradas as abreviaturas;

c) Não será estabelecida fronteira de palavras que venham escritas juntas nem se introduzirá hífen ou apóstrofo onde não houver;  
Ex: “obem”; “deS.Matheos”;

d) Serão mantidas a pontuação e acentuação originais;

e) Será respeitado o emprego de maiúsculas e minúsculas como se apresentam no original;

f) Quando a leitura paleográfica de uma palavra for duvidosa, a sua transcrição será feita entre parênteses: ( );

g) Serão transcritos na sua forma original os numerais, tanto indo-arábicos como romanos;

h) Serão informadas em nota as anotações de outro punho, as alterações e os borrões de tinta;

i) Serão transcritos como pontos dentro de colchetes precedidos pela cruz † (sendo que o número de pontos é o de caracteres não legíveis) os caracteres cuja leitura for impossível. Entretanto, quando não for possível identificar esse número, apenas será registrada a cruz (Cambraia, 2005, p. 128);

j) Palavra danificada por corrosão de tinta, umidade, rasgaduras ou corroídas por insetos ou outros será indicada entre

colchetes, assim: [corroída] ou [corroídas]. Em se tratando de um trecho de maior extensão danificado pelo mesmo motivo será indicada entre colchetes a expressão [corroída + de 1 linha];

k) A divisão das linhas do documento original será preservada, ao longo do texto;

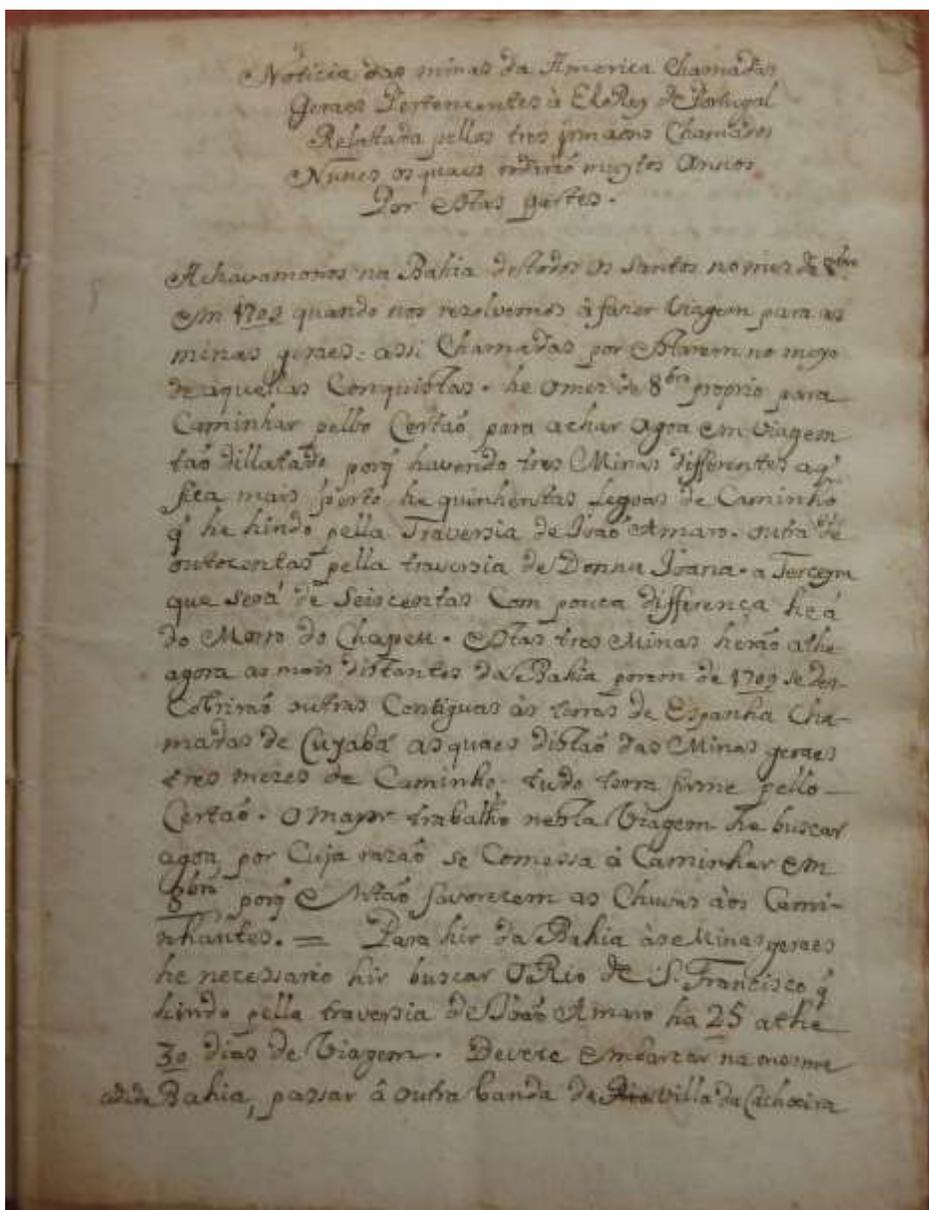
l) As páginas serão numeradas de acordo com o documento original, indicadas, nesse caso, entre duas barras verticais. Se o original não for numerado ou estiver ilegível sua numeração, os números acrescentados serão inseridos entre colchetes. Exemplos: ||fl.1r.||, [fl. 1v];

m) As assinaturas simples ou as rubricas do punho de quem assina serão sublinhadas. Exemplos: “Mesquita” e “JozeDaCosta de Carvalho”;

n) Os espaços em branco deixados pelo escrivão serão assim identificados: [espaço];

o) Os fragmentos de frases ou palavras que foram suprimidos pelo escrivão serão indicados em nota.

Figura 1 – Fac-símile do fólio 1 recto do manuscrito



[Fl. 1r.]

Noticia das minas da America chamadas  
Geraes Pertencentes à ElRey dePortugal  
Relatada pellos tres jrmaons chamados  
5 Nunes os quaes rodaraõ muytos annos  
Por estas partes.

8<sup>36</sup> Achavamonos na Bahia de todos os Santos no mez de 8.<sup>bro</sup>  
em 1709 quando nos resolvemos â fazer Viagem para as  
10 minas geraes: assi chamadas por estarem no meyo  
de aquellas conquistas. he omez de 8<sup>bro</sup> proprio para  
caminhar pello Certão, para achar agoa em viagem  
taõ dillatado, porq̃ havendo tres Minas diferentes aq̃  
fica mais perto he quinhentas Legoas de caminho  
15 q̃ he hindo pella Traversia deJoaõ Amaro. outra de  
outocentas pella traversia deDonna Joana. a Terceyra  
que será de seis centas com pouca differença he á  
do Morro do Chapeu. estas tres Minas heraõ athe-  
agora as mais distantes daBahia porem de 1709 se des-  
20 cobriraõ outras contiguas às terras de Espanha cha-  
madas de Cuyabá as quaes distaõ das Minas geraes  
tres mezes de caminho. tudo terra firme pello \_  
Certão. O mayor trabalho nesta Viagem he buscar  
agoa, por cuja razaõ se comessa â caminhar em  
25 8<sup>bro</sup>, porq̃ entaõ<sup>37</sup> favorecem as chuvas aõs cami-  
nhantes. = Para hir daBahia às Minas geraes  
he necessario hir buscar oRio de S. Francisco q̃  
hindo pella traversia deJoaõ Amaro ha 25 athe  
30 dias de Viagem. Devece embarcar na mesma  
30 cidade<sup>38</sup>Bahia, passar â outrabanda da ~~Rio~~ villa da Cachoeira

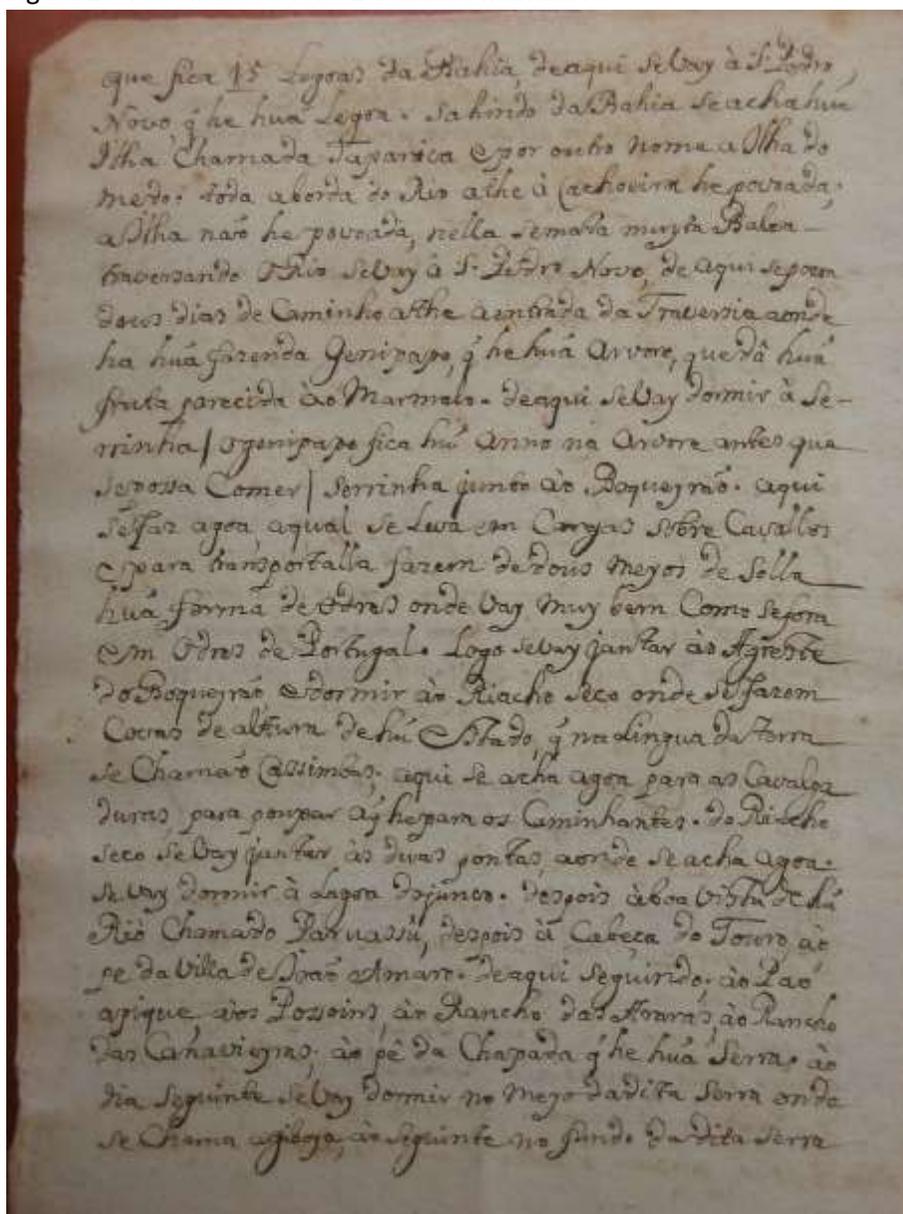
---

<sup>36</sup> Esse algarismo foi acrescentado a lápis, posteriormente, ao manuscrito.

<sup>37</sup> O grafema “e” inicial possui um traçado grande, mas não se configura como uma letra maiúscula.

<sup>38</sup> Por estar escrita fora da mancha padrão do texto, ou seja, à margem, levantamos a hipótese de que o escrivão acrescentou a palavra “cidade” ao texto como uma forma de correção.

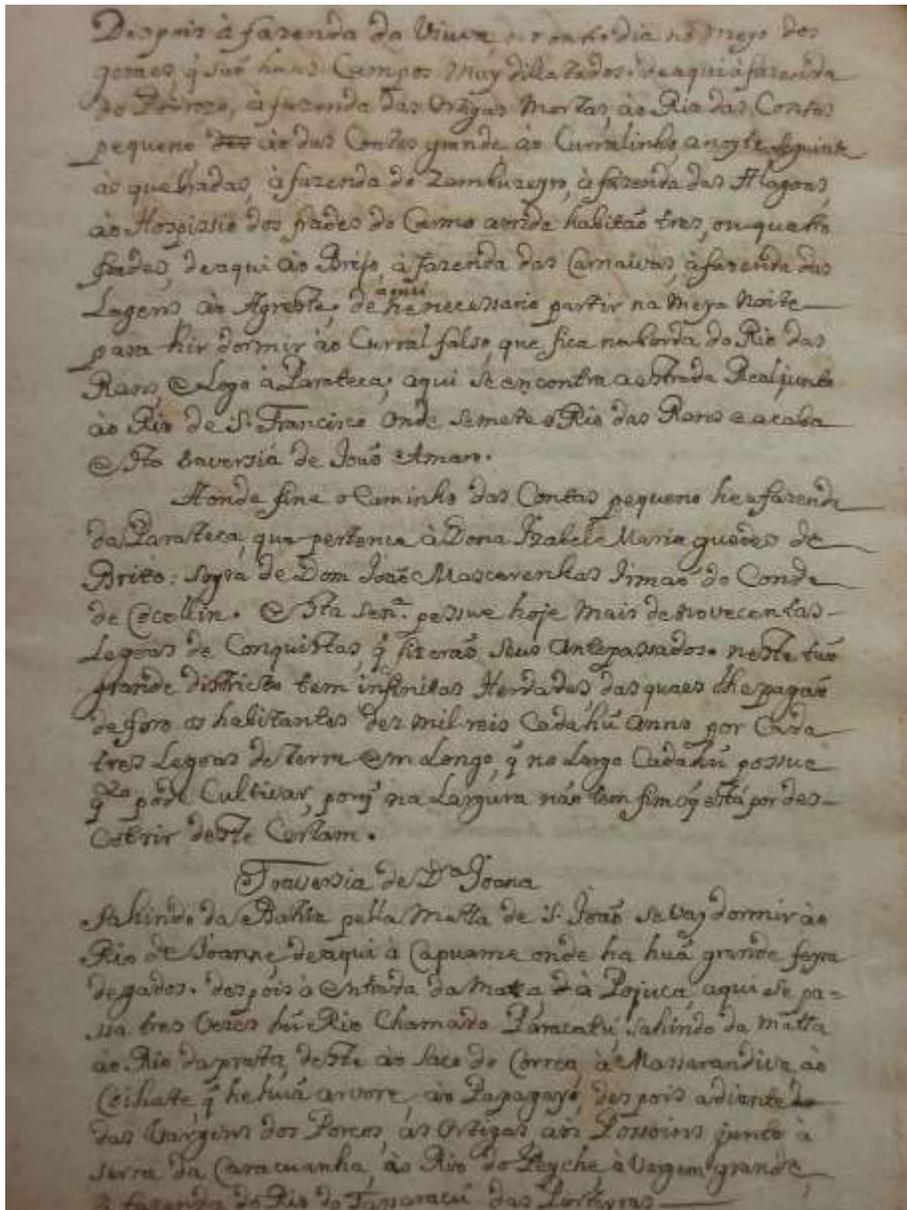
Figura 2 – Fac-símile do fólio 1 verso do manuscrito



[Fl. 1v]

que fica 15 Legoa daBahia deaqui seVay à S. Pedro  
Novo, ã he huã Legoa. sahindo daBahia seachavahuã  
Ilha chamada Taparica e por outro nome a Ilha do  
5 medo. toda aborda do Rio athe à Cachoeirahepovoada;  
aIlha naõ hepovoada, nella semata muyta Bal(e)a \_  
traversando oRio sevai à S. Pedro Novo, deaqui sepoem  
dous dias de caminho athe aentrada da Traversia aonde  
ha huã Fazenda Genipapo, ã hehuã arvore, quedã huã  
10 fruta parecida àõ Marmelo. deaqui seVay dormir à Se –  
rrinha | ogenipapo fica hũ anno na arvore antes que  
sepossa comer | Serrinha junto àõ Boqueyraõ. aqui  
sefaz agoa, aqual se levaem cargas sobre cavallos  
e para transportalla fazem dedous meyo desolla  
15 huã forma deodres onde Vay muy bem como sefora  
em odres dePortugal. Logo seVay jantar às Agreste  
doBoqueyraõ, edormir àõ Riacho Seco ondesefazem  
covas de altura de hũ estado, ã na Lingua daterra  
se chamaõ Cassimbas; aqui se acha agoa para as cavalga  
20 duras, para poupar aã hepara os caminhantes. do Riacho  
Seco sevai jantar às duas pontas, aonde se acha agoa.  
se Vay dormir à Lagoa dojunco. despois àboa vista de hũ  
Rio chamado (Por uassũ), despois à cabeça do Touro, àõ  
pe da Villa deJoaõ Amaro. deaqui seguindo; àõ Paó  
25 apique aõs Possoins, aõ Rancho das Araras, aõ Rancho  
das Canavieyras; aõ pê da Chapada ã he huã Serra. aõ  
dia seguinte seVay dormir no meyo dadita Serra onde  
se chama agiboya, aõ seguinte no fundo dadita serra

Figura 3 – Fac-símile do fólio 2 recto do manuscrito



[Fl. 2r]

Depois à fazenda da Viuva no outro dia no meyo das  
geraes, ã saõ huns Campos muy dillatados, deaqui à fazenda  
do Pedrozo, à fazenda das Ortigas Mortas, à Rio das Contas  
5 pequeno ~~des~~ à das contas grande à Curralinho, anoyte  
seguinte  
aõ quebradas, à fazenda do Zambuzeyro, à fazenda das Alagoas,  
à Hospissio dos frades do Carmo aonde habitaõ tres, ou quatro  
Frades, deaqui à Bréjo, à Fazenda das Carnaivas, à fazenda das  
10 Lagens à Agreste; de <aqui>henecessario partir na meya noite  
para hir dormir à Curral falso, que fica naborda do Rio das  
Rans, e Logo à Parateca; aqui se en contra aestrada Real junto  
à Rio de S. Francisco onde semeteo Rio das Rans acaba  
esta traversia de Joaõ Amaro.  
15 Aonde fina o caminho das Contas pequeno he a fazenda  
da Parateca, que pertence à Dona Jzabel Mariaguedes de  
Brito: sogra de Dom Joaõ Mascarenhas Jrmaõ do conde  
de Covollin. esta sen.<sup>a</sup> possui hoje mais de novecentas \_  
20 Legoas de conquistas, ã fizeraõ seus antepassados. neste taõ  
grande districto tem infinitas Herdades, das quaes lhe pagaõ  
de Foro os habitantes dez mil reis cada hũ anno por cada  
tres Legoas de terra em Longo, ã no Largo cada hũ possui  
q<sup>do</sup> pode cultivar, por ã na Largura naõ tem fimo ã está por des-  
25 cobrir deste Certam.  
Traversia de D<sup>a</sup> Joana  
Sahindo da Bahia pellamatta de S. Joaõ se vay dormir à  
Rio de Joanne, deaqui à Capuame onde há huã grande feyra  
degados. des pois à entrada da matta, & à Pojuca, aqui se pa=  
ssa tres vezes hũ Rio chamado Paracatú, sahindo da matta  
30 à Rio da prata, deste à Saco do Correa, à Massarandiva à  
Coihate, ã he huã arvore. à Papagayo, des pois adiante (†.)  
das Vargens dos Porcos, as (na) tigas aõs Possoins junto à  
serra da Caracuanha, à Rio do Peyche à Vargem grande,  
à fazenda do Rio do Taparacú das Porterras\_

## **Apresentação dos topônimos**

Com a edição conservadora dos primeiros fólhos do manuscrito *Noticias das minas da America chamadas Geraes pertencentes à el rei de Portugal, relatada pelos três irmãos chamados Nunes os quais rodarão muytos annos por estas partes* já realizada, foi possível levantar alguns topônimos presentes ao longo do texto. Vale destacar que a presença/ausência de água é a principal norteadora da viagem dos irmãos Nunes. Viajar pelo sertão a dentro em época de seca era uma tarefa difícil. Por isso, a escolha pelo mês de outubro que é “proprio para caminhar pello Certão, para achar agoa em viagem taõ dillatado”. É interessante perceber, também, quão detalhada é a descrição dos Nunes sobre os caminhos por onde passaram.

No Quadro 1, a seguir, apresentamos os 64 topônimos encontrados nos primeiros fólhos do documento, seguidos das localizações na nossa edição. Por reconhecer a importância de conservar os nomes de lugar segundo os registros apresentados, optamos por não atualizar nenhum item lexical levantado. Os nomes com leituras duvidosas não foram considerados.

Quadro 1 – Topônimos encontrados nos Fólio 1r., 1v. e 2r.			
Fólio 1r.			
Geraes	linha 3	Bahia de todos os Santos	linha 8
minas geraes	linha 10	Traversia deJoão Amaro	linhas 15 e 28
traversia deDonna Joana	linha 16	Morro do Chapeu	linha 18
Espanha	linha 20	Cuyabá	linha 21
Rio de S. Francisco	linha 27	Bahia	linha 30
villa da Cachoeira	linha 30		

<b>Fólio 1v.</b>			
S. Pedro Novo	linhas 2 e 7	Jlha chamada Tapariva	linha 4
Jlha do medo	linha 4	Fazenda Genipapo	linha 9
Serrinha	linhas 10 e 12	Boqueyraõ	linha 12
Portugal	linha 16	Agreste doBoqueyraõ	linha 16
Riacho Seco	linhas 17 e 20	Lagoa dojunco	linha 22
cabeça do Touro	linha 23	Villa deJoaõ Amaro	linha 24
Paó apique	linha 24	Possoins	linha 25
Rancho dosAraras	linha 25	Rancho das Canavieyras	linha 25
Chapada	linha 26	Serra onde se chama agiboya	linha 27

<b>Fólio 2r.</b>			
fazenda da Viuva	linha 2	fazenda doPedrozo	linha 4
fazenda das Ortigas Mortas	linha 4	Rio das Contas pequeno	linha 4
(Rio) <sup>39</sup> das contas grande	linha 5	Curralinho	linha 5
fazenda do Zambuzeyro	linha 6	fazenda das Alagoas	linha 6
Hospissio dos frades do Carmo	linha 7	Fazenda das Carnaivas	linha 8
fazenda das Lagens	linha 8	Agreste	linha 9
Rio das Rans	linha 10	Parateca	linha 11
estrada Real	linha 11	Rio de S. Francisco	linha 12
traversia de Joaõ Amaro	linha 13	caminho das Contas	linha 14
fazenda daParateca	linha 14	Traversia deD <sup>a</sup> Joana	linha 24
matta de S. Joaõ	linha 25	Rio deJoanne	linha 26
Capuame	linha 26	Rio chamado Paracatú	linha 28
Rio daprata	linha 29	Saco do Correa	linha 29
Massarandiva	linha 29	Coihate	linha 30
Papagayo	linha 30	Vargens dos Porcos	linha 31
Possoins	linha 31	serra da Caracuanha	linha 32
Rio doPeyche	linha 32	Vargem grande	linha 32
fazenda doRio do Taparacú das Porterras	linha 33		

<sup>39</sup> No manuscrito, o termo genérico “rio” está suprimido.

Como aponta Gammeltoft (2016, p. 3, tradução nossa<sup>40</sup>), “o aspecto geográfico é usualmente expressado de forma mais clara no elemento genérico do topônimos, pois sua função no nome é informar a qual tipo de localidade o nome se refere”

Entre os topônimos encontrados se fazem muito presentes os nomes de fazendas, rios, travessas, estradas, matas, morros, ranchos, ilhas etc. De fato, são encontrados os pontos geográficos presentes na região por onde os irmãos Nunes passaram. Uma questão interessante a ressaltar é que, no decorrer do relato de viagens, o escrevente tece alguns comentários sobre os topônimos que ele registra:

(1) “sahindo daBahia seachavahuã Jlha chamada Taparica epor outro nome a Jlha do medo” (Fólio 1v., linhas 3-5).

(2) “aentrada da Traversia aonde ha huã Fazenda Genipapo, ã hehuã arvore, quedâ huã fruta parecida àõ Marmelo. [...] ogenipapo fica hũ anno na arvore antes que sepossa comer” (Fólio 1v., linhas 8-12).

(3) “aò pê da Chapada ã he huã Serra” (Fólio 1v., linha 26).

(4) “Aonde fina ocaminho das Contas pequeno he afazenda daParateca, quepertencia àDona JzabelMariaguedes de Brito: sogra de Dom Joaõ Mascarenhas Jrmaõ do conde de Covollin” (Fólio 2r., linhas 14-17).

---

<sup>40</sup> No original: “The geographical aspect is usually most clearly expressed in the generic element of place-names, as their function within the name is to state what type of locality the name concerns”

Em (1), temos a informação de uma toponímia paralela<sup>41</sup>. Em (2), encontramos a explicação dos Irmãos Nunes para a origem do Genipapo, que faz referência a uma árvore frutífera. Já em (3), o escrevente apresenta uma explicação geográfica em relação ao relevo da região mencionada. Por fim, o exemplo (4) faz referências aos possuidores da terra mencionada no relato. Esses comentários, portanto, indicam que os irmãos Nunes, de fato, eram conhecedores da região: conheciam o clima local, o relevo, a flora, a língua local, algumas pessoas etc.

Uma questão interessante de ser mencionada é que “a toponímia brasileira é condicionada por várias línguas que coexistem (mesmo em desigualdade) quando são criados novos assentamentos” (VIDAL FONSECA, 2019, p. 195). Isso porque faz parte da formação do português brasileiro e da escolha de nomes de lugares (os topônimos) a presença das línguas indígenas, das línguas africanas e das línguas dos imigrantes que ocuparam o vasto território brasileiro como testemunham as fontes históricas.

### **Considerações finais**

Neste artigo, buscamos apresentar os topônimos presentes em um documento manuscrito do início do século XVIII, as *Noticias das*

---

<sup>41</sup> Segundo Vieira (2012, s/p), “a toponímia paralela tem, como característica principal, sua existência não oficial. Seu caráter espontâneo colocado no signo toponímico, torna-o de fácil aceitação.”

*minas da America chamadas Geraes pertencentes à el rei de Portugal, relatada pelos três irmãos chamados Nunes os quais rodarão muytos annos por estas partes.* Assim, selecionamos esse documento por meio do qual, depois da pertinente edição, extraímos todos os topônimos, úteis para o nosso levantamento. Contudo, como já referimos, não foi nossa intenção neste momento fazer uma análise dos topônimos encontrados. Mesmo de forma não aprofunda, o levantamento que aqui apresentamos já nos permite afirmar que documentos manuscritos de diferentes esferas e épocas são fontes riquíssimas para pesquisas linguísticas e de outras áreas.

Uma questão interessante a se considerar, em virtude do tipo de documento aqui abordado é que, segundo Gammeltoft (2016, p. 3, tradução nossa<sup>42</sup>),

[...] topônimos atuam tanto na geografia física quanto na geografia humana, uma vez que eles descrevem aspectos tanto do mundo natural quanto do espaço criado pelos humanos durante a época da nomeação. Um dos desafios em usar

---

<sup>42</sup> No original: "Place-names act within both physical and human geography, in as much as they describe aspects of both the natural world and human created space at around the time of naming. One of the challenges in using place-names in connection with geography are to establish when a name was coined and the significance of the naming focus. Another main challenge lies in later onomastic developments, which, through metonymical processes — for example a place-name comes to signify a different type of locality from the one it originally did — create a mismatch between the current denotation and the original placename meaning. In the case of metonymy, it can often be difficult to single out the original name bearing or name originating locality, and a certain amount of qualified guesswork frequently has to be applied in singling out the original name bearer".

topônimos vinculados à geografia é definir quando um nome foi cunhado e a significância do foco da nomeação. Outro desafio primordial diz respeito a progressos onomásticos posteriores, que, a partir de processos metonímicos como por exemplo um topônimo que passa a significar um tipo diferente de local em relação ao que significava originalmente criam uma divergência entre a denotação atual e o significado original do nome do lugar. No caso da metonímia, pode ser normalmente difícil selecionar qual é a fonte do nome original ou o lugar de onde o nome se originou. Uma certa quantidade de suposições qualificadas é frequentemente adotada para que se decida a fonte do nome original.

Outra questão que podemos concluir, à luz de Dick (1990, p. 178), é que a toponímia

[...] ultrapassa, em muito, a conceituação teórica que lhe é atribuída, tornando-se nas Ciências Humanas, fonte de conhecimento tão excelente quanto as melhores evidências documentais. São [os topônimos], por assim dizer, verdadeiros registros do cotidiano, manifestado nas atitudes e posturas sociais que, em certas circunstâncias, a não ser deles, escaparia às gerações futuras.

Isso porque, ao escolher o nome de um lugar, o sujeito nomeador escolhe, também, um dado que quer guardar para o futuro.

Em tempos de desmanche das Universidades Públicas, de desvalorização da memória coletiva e individual, de perda (por diferentes meios) de diferentes fontes documentais, reforçar o papel das ciências humanas (tão exatas quanto qualquer outra ciência, pois

se valem de métodos claros e possíveis de serem replicados) torna-se um desafio, cada vez mais, necessário. Os topônimos aqui apresentados, por exemplo, não são simples nomes. Muito pelo contrário, eles carregam a história e a vivência de um povo que, em detrimento da necessidade de um grande recuo temporal, só podem ser recuperadas por meio daquilo que muitos chamam de “papeis velhos”. Por isso, como apontamos anteriormente (DORES, 2019), devemos estar atentos à preservação e à divulgação de fontes documentais como o manuscrito *Noticias das minas da America chamadas Geraes pertencentes à el rei de Portugal, relatada pelos três irmãos chamados Nunes os quais rodarão muytos annos por estas partes*, que parte aqui apresentamos.

## Referências

CAMBRAIA, C. N.; OLIVEIRA, G. M. de; MEGALE, H.; MODOLO, M.; FERREIRA, P. S.; TOLEDO-NETO, S. de A.; LOBO, T. C. F.; KLAMT, V. Normas para transcrição de documentos manuscritos para a História do Português do Brasil. In: MATOS E SILVA, R. V. (org.). **Para a História do Português Brasileiro**. Primeiros Estudos. São Paulo: Humanitas/FFLCH/FAPESP, 2001. p. 552-555.

CAMBRAIA, C. N. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CUNHA, M. C. da. **Índios no Brasil**. História, direitos e cidadania. São Paulo: Claro Enigma, 2012. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/35025.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

DICK, M. V. de P. do A. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de Estudos. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990.

DORES, M. V. P. das. Relação dos trastes de prata e ornamentos da extinta capela de Santo Antônio (1856). **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 2019. p. 286-297. Disponível em: <http://doi.org/10.24206/lh.v5i1.24859>. Acesso em: 20 maio 2019.

D'ENCARNAÇÃO, J. A toponímia, fonte histórica também para a República. **Biblos** – Revista da Faculdade de Letras. Rio Grande, n. 8, 2010. p. 73–82. Disponível em: [https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/32515/1/BiblosVIII\\_artigo3.pdf?ln=pt-pt](https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/32515/1/BiblosVIII_artigo3.pdf?ln=pt-pt). Acesso em: 02 maio 2019.

GAMMELTOFT, S. Names and Geography. In: HOUGH, C.; IZDEBSKA, D. (org.). *The Oxford Handbook of Names and Naming*. Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 01-12. Available in: <http://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199656431.013.58>. Acesso em: 15 jul. 2020.

LABOB, W. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (org.). *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1982. p. 17-92.

LEITE DE VASCONCELOS, J. **Antroponímia Portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1928.

NYSTRÖM, S. Names and meaning. In: HOUGH, C.; IZDEBSKA, D. (ed.). **The Oxford Handbook of Names and Naming**. Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 39-51.

SAFIER, N.; FURTADO, J. F. O sertão das Minas como espaço vivido: Luís da Cunha e Jean-Baptiste Bourguignon D'Anville na construção da cartografia europeia sobre o Brasil. In: PAIVA, E. F. (org.). **Brasil-Portugal: sociedades, culturas e formas de governar no mundo português (séculos XVI-XVIII)**. São Paulo: Annablume, 2006. p. 263-278.

SÁNCHEZ REI, X. Toponímia menor e conservadorismo lingüístico: algúns exemplos contemporáneos da cidade da Coruña. **LaborHistórico**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, 2018. p. 135-148. Disponível em: <https://doi.org/10.24206/lh.v4i2.23558>. Acesso em: 02 maio 2019.

VIDAL FONSECA, G. Toponímia galega e brasileira. Similitudes e diferenças históricas à luz do conflito lingüístico. **LaborHistórico**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 2019. p. 184-208. Disponível em: <https://doi.org/10.24206/lh.v5i1.22642>. Acesso em: 10 jul 2019.

VIEIRA, Z. P. **O reflexo da memória social na toponímia**: o espontâneo e o popular. Cadernos do CNLF, Rio de Janeiro, 2012. s/p. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ2\\_13.htm](http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ2_13.htm). Acesso em: 02 set. 2019.

### Fonte manuscrita

Robert Bosch Collection – Stuttgart – Alemanha. n. 229 – ANVILLE, Jean-Baptiste Bourguignon d'. **Collection of eight manuscripts concerning Brazil**: n.555 (1) – Noticias das minas da America chamadas Geraes pertencentes à el rei de Portugal, relatada pelos três irmãos chamados Nunes os quais rodarão muytos annos por estas partes, 21 p.